

“Rasteira e pote foram as palavras que o PSD trouxe para este combate. Rasteira ao não querer discutir propostas e, com essa rasteira que passou ao Governo, esperava chegar mais depressa ao pote”. VIEIRA DA SILVA



DEFENDER PORTUGAL

DIRECTOR Carlos Zorrinho | defenderportugal@ps.pt | SEMANAL | N.º 4



ENTREVISTA

António Costa

“PS garante dimensão social do Estado”

“Há mais vida para além do Memorando”, lembra António Costa, glosando uma célebre frase de Jorge Sampaio. A ironia serve-lhe para advertir que o acordo com a “troika” não prevê tudo e que a forma de agir será determinante. “Não é indiferente o país ser governado pelo PS ou pelo PSD”, observa o presidente da Câmara de Lisboa.



DIGA LÁ...

“VOU VOTAR PS PELA DEFESA DO SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE”

GLÓRIA REBELO
PROFESSORA UNIVERSITÁRIA
E INVESTIGADORA

Testemunho do presidente
da Câmara Municipal da Trofa

P6

REPORTAGEM

Sócrates mobiliza eleitores contra direita mais radical de sempre

Mais de duas mil pessoas da região da Grande Lisboa aplaudiram de pé José Sócrates, num jantar-comício realizado no Salão Tejo do Pavilhão Atlântico, numa manifestação inequívoca de unidade em torno do líder do PS.





ANTÓNIO COSTA

“PS é a única alternativa de esquerda para governar Portugal”

Confrontado com a questão de saber se o voto útil no PS é a forma mais eficaz de derrotar a estratégia concertada da direita liberal, o dirigente socialista António Costa diz que não há outra. “O PS é a única alternativa de Esquerda para governar Portugal” afirma o presidente da Câmara de Lisboa, sublinhando o facto de PCP e Bloco se excluïrem de qualquer consenso, esgotando-se no protesto.

Ao propor-se, neste momento crucial da nossa vida colectiva, “Defender Portugal”, o PS deixa implícita a ideia de que enfrentamos uma séria ameaça. Que ameaça é essa? O País atravessa uma situação de enorme dificuldade, que não pode nem deve ser ignorada. Muito devido ao irresponsável chumbo do chamado PEC IV por parte de todos os partidos da oposição, chegámos a uma situação que obrigou a um pedido de intervenção externa. E foi estabelecido um Memorando de Entendimento, com um programa duro, que visa reequilibrar as finanças públicas,

que é um objectivo crucial para o país e que deve ser o objectivo de qualquer boa governação. Mas, ao contrário do que alguns dizem, não é indiferente o país ser governado por um governo liderado pelo PS ou liderado pelo PSD. Primeiro, e recreando uma frase antiga do nosso camarada Jorge Sampaio, porque há vida para lá do Memorando de Entendimento com a “troika”; segundo, porque o PS é a garantia de que o Estado manterá a sua dimensão social, tanto mais essencial quanto nos esperam ainda períodos de grande dificuldade que é necessário enfrentar solida-

riamente. Defender Portugal significa que, hoje como noutros casos da nossa História recente, o PS tem sempre sabido colocar os interesses nacionais acima de tudo, acima dos seus próprios interesses e é quem está em melhor posição para defender o que é o interesse nacional numa situação tão difícil como esta, muito pouco recomendável para aventuras ou saltos no desconhecido.

É por isso que as eleições legislativas de 5 de Junho são tão importantes?

É também por isso que são eleições decisivas para o futuro do País. A escolha que se coloca no próximo dia 5 de Junho é clara: trata-se de optar entre uma política de rigor, sim, mas com dimensão social, ou uma agenda política neoliberal, que põe em causa conceitos que são caros ao PS, como a aposta na qualidade da Escola pública, no Serviço Nacional de Saúde, na natureza pública da Segurança Social. É optar entre um primeiro-ministro experiente, preparado e determinado e uma aventura no desconhecido. É essa a opção que cabe aos portugueses.

Passos Coelho diz que o programa do PSD vai “mais longe” do que aquilo que está estabelecido no memorando de entendimento com a “troika. Que comentário lhe merece?

O que é certo é que o PSD apresenta a estas eleições o programa mais neoliberal que há memória. Trata-se de uma clara viragem à direita, muito distante, até, da tradição centro-direita do PPD/PSD. Eu percebo que haja muita gente, mesmo no interior do PSD, preocupada com esta radicalização promovida pela actual direcção. Julgo que, perante isto, esse centro-direita se sente um pouco órfão nestas eleições e procurará outros caminhos.

Há uma certa esquerda complexada e que parece entender que o papel da esquerda se esgota no protesto inconsequente e não em trabalhar para mudar o que está mal. Pior, há uma certa esquerda que considera o PS como o seu principal adversário e que leva isso ao extremo de se aliar à direita para derrubar o PS

Porque é que os socialistas não gostam da proposta da direita de só entrar um trabalhador na Função Pública por cada cinco que saiam?

Existe já um princípio em vigor, e que tem sido cumprido: por cada dois trabalhadores que saem da Função Pública entra apenas um. Nós achamos que é possível um redimensionamento da Função Pública e esse programa tem de ser prosseguido, sem cortes cegos que possam pôr em causa o funcionamento de sectores essenciais. Mas há aqui uma questão de fundo: o PS defende a existência de uma Administração Pública eficaz, que preste serviços de qualidade aos cidadãos e que esteja sempre ao serviços destes. Sem os trabalhadores da Administração Pública não seria possível o evidente sucesso de programas como o Simplex e toda a modernização administrativa em curso no nosso País, que é hoje reconhecida e premiada a nível internacional. Já o PSD diaboliza o próprio conceito de Administração Pública e considera-o incompatível com os conceitos de eficácia e de serviços de qualidade. É uma matéria em que temos posições contrastantes: nós queremos um Estado eficaz, o PSD não quer.

Acredita que Portas e Passos Coelho se vão manter fiéis à palavra de que nem PSD nem CDS farão alianças com um futuro Governo socialista, ou isto é só “para inglês ver”, como diz o povo?

O que os portugueses podem observar nesta campanha eleitoral é quem é que está disponível para o diálogo e para a procura de consensos e quem não está. O PS diz hoje aquilo que fará depois das eleições para alcançar um Governo que disponha de uma base maioritária na Assembleia da República, algo que é muito importante

que aconteça. A nossa posição depois das eleições será a mesma que dizemos hoje. Todos têm que assumir as suas responsabilidades.

A omissão sistemática que as oposições fazem do facto de Portugal está a sofrer, à semelhança de outros países, as consequências da maior crise mundial dos últimos 80 anos, é esquecimento ou manipulação?

Pretender ignorar o contexto internacional em que vivemos é um exercício de má-fé inaceitável. Como o é, igualmente, ignorar o esforço que o Governo do PS fez para reequilibrar as contas públicas que herdou do último Governo do PPD-PSD, esforço que levou Portugal a conseguir cumprir as metas para os défices dos países da União Europeia, até que depois sobreveio esta crise internacional. É espantoso ver hoje alguns dos responsáveis por essa debacle das contas públicas em 2004/2005 a perorarem de cátedra, ignorando a situação internacional, sem se cobrirem de vergonha.

Porque é que o voto útil da esquerda é no PS?

Porque, objectivamente, o PS é a esquerda que pode governar Portugal. Desde logo, porque os partidos à nossa esquerda se excluem de qualquer consenso, como se fosse

possível haver uma solução governativa de esquerda que não passe pelo PS e pela sua liderança. O PS não tem complexos de exercer o poder, nós somos a Esquerda que faz. Há uma certa esquerda complexada e que parece entender que o papel da esquerda se esgota no protesto inconsequente e não em trabalhar para mudar o que está mal. Pior, há uma certa esquerda que considera o PS como o seu principal adversário e que leva isso ao extremo de se aliar à direita para derrubar o PS. Enquanto existir essa mentalidade, o PS é a única alternativa de esquerda para governar Portugal. Há uma esquerda que fala e há uma esquerda de acção. Nós somos a segunda.

Acredita na possibilidade da maioria absoluta?

Com toda a franqueza, julgo que é irrealista pensar em maioria absoluta seja de quem for nestas eleições. Mas acredito numa grande vitória e numa demonstração da confiança dos portugueses no PS. E acredito que o PS é quem está melhor preparado para governar e, mais uma vez, contribuir para tirar Portugal desta crise. Mas penso que é muito importante que todos saibam interpretar os resultados das eleições e percebam o sinal que os portugueses vão querer dar no próximo dia 5 de Junho. Esse sinal, do meu ponto de vista, é que todos nós devemos pôr os interesses do País acima dos interesses particulares, corporativos ou partidários. É que, ultrapassado o período eleitoral, em que é natural que venha ao de cima aquilo que nos diferencia uns dos outros, saibamos dialogar, gerar consensos e unir esforços, porque a situação é suficientemente grave para não permitir que antagonismos políticos ou pessoais possam pôr em causa o interesse nacional. Não é tempo de excluir ninguém, é tempo de unir o mais possível.

Governabilidade



Carlos Zorrinho

Com o início pleno da campanha eleitoral, os portugueses vão conhecendo cada vez melhor as propostas eleitorais dos diversos partidos, E tomando consciência das omissões voluntárias ou involuntárias de cada candidatura. O PS apresenta-se a estas eleições para Defender Portugal e construir o futuro. Esta escolha implica um sentido forte de mobilização pela autonomia e pela soberania nas nossas escolhas. É clara nas opções e nas respostas. Centra-se na credibilidade, nacional e internacional do candidato a primeiro-ministro e materializa-se na responsabilização colectiva, de todos nós, na defesa do interesse nacional.

O PS é o único partido que nestas eleições pode ganhar e governar sozinho, mas está disponível para soluções plurais de governação, que respeitem os compromissos do país, se tal se revelar necessário. Sem abrir mão da salvaguarda do Estado Social, Contra as ameaças de descrédito de Portugal e o impasse político.

As linhas fortes que sublinhei no parágrafo anterior, têm uma confluência lógica na criação de condições de governabilidade.

As descaradas tentativas das oposições de condicionar as escolhas do PS, em termos da sua liderança, são prova de imaturidade e desespero. O PS não se preocupa com as escolhas de liderança que os militantes de outras forças políticas fazem ou com as personalidades que indiquem para integrar um eventual governo plural. Preocupa-se, antes, com a validade das propostas e a razoabilidade e consistência das políticas que apresentam e que se comprometerem a concretizar.

Por tudo isto, o voto no PS em 5 de Junho é o voto na credibilidade, na responsabilidade e na governabilidade. É um voto por Portugal.

FICHA TÉCNICA DIRECTOR Carlos Zorrinho | EDITOR Orlando Raimundo
REDACTORES Castelo Branco, Catarina Castanheira, Glória Rebelo, João Mata, Filipa Jesus, Nelson Lage, Rui Ribeiro, Sónia Fertuzinhos, Tiago Gonçalves e Vanda Nunes | **FOTOGRAFIA** Jorge Ferreira (editor), Pedro da Silva e Ricardo Oliveira | **GRAFISMO E PAGINAÇÃO** Miguel Andrade (coordenação) e Francisco Sandoval | **ADMINISTRADOR** André Figueiredo
PROPRIEDADE Partido Socialista, Largo do Rato 2, 1269-143 Lisboa
 N. DL 328060/11

Um programa credível e um rumo certo

Em jantar-comício no Pavilhão Atlântico Sócrates explica prioridades aos militantes



“O PSD tem o programa político mais radical que a direita já apresentou ao país”, afirmou o secretário-geral do PS, José Sócrates, no dia 14 de Maio, num jantar-comício, no salão Tejo, no Pavilhão do Atlântico, com a presença de mais de duas mil pessoas da região da Grande Lisboa, onde reafirmou que os socialistas partem para a campanha das eleições legislativas mobilizados e com um programa credível e um rumo claro para responder aos difíceis desafios que Portugal enfrenta. Ao invés do PSD, que, frisou, todos os dias revela a sua impreparação para governar. “Quando um partido se propõe privatizar a Caixa Geral de Depósitos, as Águas de Portugal, a RTP, abrir aos privados a escola pública e os cuidados primários de saúde, eu digo que este é o programa político mais radical que a direita já apresentou no país”, disse José Sócrates nesta iniciativa, onde foram também oradores o cabeça de lista do PS por Lisboa, Ferro Rodrigues, o presidente da Câmara de Lisboa, António Costa, e o secretário-geral da JS, Pedro Alves. “Qual o objectivo destas privatizações, que racionalidade,

que resultados esperam obter?, questionou o líder socialista. Sócrates considerou as recentes trapalhadas e volte-faces do PSD, no que respeita à Taxa Social Única e ao programa laranja, no capítulo da educação, uma demonstração clara e inequívoca da “impreparação” de Passos Coelho. “Em 30 anos de democracia nunca vi nada assim”, disse. “Ficamos a saber que o líder do PSD pretende alterar o seu programa, não num detalhe qualquer, não num capí-



tulo qualquer, mas no capítulo da educação, talvez o mais importante para o futuro do país. Tudo foi testado, menos a educação”, acrescentou.

Num discurso, frequentemente interrompido pelas palmas dos presentes, Sócrates referiu ainda que “o espectáculo de impreparação política” para governar dado pelo PSD tem “episódios todos os dias”. E considerou que “o mais lamentável e mais deprimente” tem a ver com a proposta de baixar a taxa social única (TSU), que ao princípio era para descer quatro pontos percentuais, mas depois já era para baixar em oito pontos percentuais.

“Com a baixa da TSU o que está em causa é um aumento brutal de impostos para todos os portugueses”, alertou. Por sua vez, Ferro Rodrigues, cabeça de lista do PS por Lisboa, considerou as eleições de 5 Junho como as mais “difíceis” e “complexas” que há memória na democracia portuguesa, não se vislumbrando “um vencedor antecipado”.

Numa intervenção centrada em demonstrar as diferenças “bem à vista” entre o PS, defensor de “um Estado Social mais capaz e mais activo”, que luta pela “igualdade de oportunidades” e “apoia os mais desfavorecidos”, e um PSD com uma agenda de “radicalismo neoliberal”, de desmantelamento dos serviços públicos e da “precarização laboral para todos”, Ferro Rodrigues elogiou a acção do Governo socialista para “atenuar os efeitos da crise” e a “coragem” de José Sócrates, que “resistiu a uma campanha de calúnias e ataques pessoais” e “deu sempre a cara nos momentos mais difíceis”.

O presidente da Câmara de Lisboa, António Costa, ao intervir, lembrou que “foi sempre o PS e nunca a direita que venceu as crises em Portugal, e fê-lo sem nunca pôr em causa o Estado Social”. Por isso, adiantou, “esta é marca genética de um partido que foi sempre capaz de resolver o problema financeiro e alargar a solidariedade social”. Costa manifestou a sua “indignação” pela “falta de respeito” dos partidos da oposição ao “precipitarem o país numa crise política desta gravidade sem terem nada para oferecer ao país em termos de alternativa”.

Outro dos oradores neste jantar-comício foi o líder da JS, Pedro Alves elogiou as apostas do Governo na educação, “onde todos os indicadores revelam que demos um enorme salto em frente nesta área”, no combate à precariedade laboral, “investindo no reforço da fiscalização e banindo os estágios não remunerados”, e na promoção da igualdade de direitos, “despenalizando a IVG e consagrando na lei o casamento entre pessoas do mesmo sexo”.



MARIA DA LUZ ROSINHA

PRESIDENTE DA CÂMARA DE VILA FRANCA DE XIRA

É necessário que as pessoas estejam sensibilizadas para a responsabilidade da escolha que vão fazer nas próximas eleições. O Governo do PS, sob a liderança de José Sócrates, provou que de uma maneira esforçada e combativa é possível ultrapassar as dificuldades, garantindo os direitos dos que têm menos posses. Por isso, acredito que a 5 de Junho os portugueses farão a escolha certa, votando em quem merece confiança e tem provas dadas.



JOÃO NUNES

PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE LOURES

É preciso mobilizar as energias de todos os que se revêm nos ideais de progresso, modernidade e justiça social para irmos ao combate e vencer a direita, porque o programa neoliberal de Passos Coelho põe em causa o Estado Social e só por isso o PS deve bater-se até ao último minuto pela vitória nas eleições de 5 de Junho.



NATALINA MOURA

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DA GRAÇA

Temos de ir ao encontro das pessoas e explicar o porquê das medidas de austeridade que o Governo foi obrigado a fazer face à maior crise mundial dos últimos 80 anos e ao agravamento da situação económico-financeira depois do chumbo do PEC. Com isso, as pessoas vão-se convencer de que o PS é a força política mais capaz para superar a crise. Do nosso lado está a experiência, enquanto do lado do PSD está a aventura e a impreparação.

NÓS combatemos a precariedade, impedindo os despedimentos arbitrários e assegurando a existência de justa causa na lei.

Somos contra o flagelo do falso trabalho independente, que queremos erradicar, e avançamos com medidas de protecção aos trabalhadores em situação precária.

ELES propõem-se facilitar os despedimentos, tornando possível despedir sem justa causa.

Querem impedir que, nas empresas com menos de 50 trabalhadores, aqueles que forem despedidos arbitrariamente, possam impugnar o seu despedimento em tribunal e reclamar a sua reintegração no posto de trabalho.

NÓS defendemos a igualdade de género, a conciliação da vida familiar e profissional e a natalidade.

Criámos 18 mil lugares em creche, majorámos o abono de família para agregados numerosos e monoparentais, concedemos abono pré-natal e desenvolvemos o regime de protecção da parentalidade.

ELES dizem querer apoiar as famílias e inverter a taxa de natalidade mas não apresentam qualquer proposta.

Ficam-se pelas afirmações vagas e generalistas, sem assumirem compromissos públicos, não tendo conseguido apresentar, até hoje, qualquer medida concreta.

CONFRONTO DE IDEIAS

Como uma mesma questão é vista por nós e por eles.

São muitas as diferenças entre PS e PSD.

Votar é escolher entre dois modelos de sociedade e desenvolvimento.

NÓS aplicaremos o acordo internacional de financiamento da economia portuguesa com sensibilidade social.

Cumpriremos todos os compromissos assumidos, salvaguardando o Estado Social, a Escola Pública, a Segurança Social e a coesão territorial do país.

ELES querem ir “mais longe do que a ‘troika’” no acordo celebrado, enfraquecendo os pilares essenciais do Estado.

Querem privatizar as Águas, a Caixa Geral de Depósitos e os serviços públicos essenciais, suspendendo os investimentos que garantem a coesão social e territorial.

NÓS temos orgulho em todos os portugueses que aceitaram o desafio lançado pelo Programa Novas Oportunidades e se esforçaram por melhorar os seus níveis de qualificações.

Inscreveram-se mais de 1,7 milhões de portugueses e mais de 500 mil já estão certificados.

ELES insinuaram que o esforço de Portugal e dos portugueses na qualificação não merece qualquer respeito.

Têm um preconceito sobre a mobilidade social e contra os portugueses que pretendem realizar-se através do conhecimento e aprendizagem



Por uma protecção social moderna e para todos

Glória Rebelo

Em Portugal, o direito de cada cidadão à protecção social – tal como o consagra a Constituição da República Portuguesa – é um direito social fundamental, e tem por objecto um conjunto de prestações sociais devidas pelo Estado a indivíduos e a famílias. Relevante em situações de eventualidade (entre outras, o desemprego, a doença ou a reforma) ou de carência (situações de pobreza ou de exclusão social) pois visa, fundamentalmente, garantir a todos os cidadãos, nestas circunstâncias, condições dignas de subsistência, proporcionando-lhes um mínimo de segurança económica.

A afirmação desta protecção social passa, assim, pelo aprofundar dos princípios da universalidade, da solidariedade (social e intergeracional), da igualdade e da equidade social; isto é, pela partilha colectiva dos riscos entre cidadãos e entre gerações.

Isso mesmo tem sido reconhecido internacionalmente, quer pela Comissão Europeia quer pelos

Sabendo dos contínuos desafios que se colocam ao sistema público de Segurança Social, os Governos do PS responderam com eficácia ao desafio de o reformar.

nossos parceiros europeus, E ao reformá-lo, o PS tornou-o mais justo e equitativo, mais eficiente e, principalmente, mais garantido a médio e a longo prazo.

Entre outras medidas, a reforma do sistema público de Segurança Social, concretizada em 2007, por imperativos do envelhecimento demográfico, associou as pensões de reforma à evolução da esperança de vida, introduzindo uma fórmula de cálculo que considera toda a carreira contributiva, e impediu a existência de pensões desproporcionadas no que respeita ao verdadeiro esforço contributivo. Além do mais, fixou aumentos anuais de pensões em função do desempenho da economia, salvaguardando o poder de compra das pensões mais baixas e estabelecendo patamares máximos para as pensões.

E estas medidas reformistas mostraram-se essenciais para salvaguardar a viabilidade do sistema público de Segurança Social, respondendo ao maior desafio do nosso Estado Social Moderno: tal como hoje, assegurar no futuro a todas as pessoas em situações de risco social, condições dignas de vida.

O QUE ELES PENSAM SOBRE... AS POLÍTICAS SOCIAIS

As políticas sociais desenvolvidas pelo Governo Socialista são o tema das reflexões que se seguem, narradas com a naturalidade de quem conta retalhos da vida. O desejo de aprofundamento do Estado Social é o sentimento comum. Sendo certo que a continuidade, ou não, da promoção da igualdade, da integração social, do desenvolvimento dos sistemas de protecção e segurança social, da solidariedade e do combate à exclusão, dependerá das escolhas a fazer a 5 de Junho.



ANTÓNIO CARACOL

PROFESSOR
33 ANOS

Fui pai, pela primeira vez, há seis meses, e tive a felicidade de pegar na minha filha dois minutos após o seu nascimento. Também estou orgulhoso de lhe ter mudado a primeira fralda e muitas mais até hoje. O conceito de que os pais não cuidavam dos filhos nos

primeiros tempos de vida e a sua intervenção como pai só passava pela educação e o sustento, é passado. Acabo de viver o melhor mês da minha vida, aquele em que partilhei a licença parental. A mãe regressou ao emprego e eu cuidei da minha filha, tão bem, ou melhor do que qualquer mãe. Esta semana estamos os dois de regresso ao emprego, mas neste momento a nossa filha já tem seis meses e já não nos custa tanto colocá-la numa creche.



CRISTINA SOARES PEREIRA

GESTORA DE EVENTOS
33 ANOS

Sou uma profissional exigente e empenhada que dedica muitas horas do seu dia ao seu trabalho. No entanto, sou também mãe. A Maria Leonor é o meu melhor projecto. Como qualquer mãe tenho inseguranças e receios. Queremos sempre o melhor para os nossos

filhos, vê-los crescer protegidos mas com independência e autonomia.

Encontrei, na creche PARES que frequentou, a tranquilidade de espírito para poder trabalhar e o local ideal para ver a Maria Leonor crescer em conhecimento, autonomia e felicidade. A equipa de profissionais atenta e dedicada, os equipamentos adequados e a polivalência dos espaços fazem da minha filha uma criança feliz e de mim uma mãe satisfeita.



JOANA LIMA

AUTARCA
47 ANOS

Apoiar o Partido Socialista e o eng. José Sócrates é para mim uma imperatividade natural. Por um lado, porque reconheço os enormes esforços que foram feitos nos governos que liderou em áreas como a inovação, o investimento nas energias renováveis, a

aposta firme nas exportações e, acima de tudo, a preocupação com a construção de uma sociedade mais fraterna e solidária para com os mais necessitados através de políticas activas de esquerda. E, por outro lado, porque da minha experiência enquanto autarca sei bem a importância e o valor de conceitos como a estabilidade e a perseverança - características que distinguem o Partido Socialista das demais opções políticas.



RUI ROSADO

MÉDICO
62 ANOS

Eu vou votar no PS no próximo dia 5 de Junho. É o Partido Socialista que me oferece a melhor garantia de continuar a promover o Estado Social, para o bem-

-estar comum de todos os cidadãos, e o desenvolvimento económico do País. O eng. José Sócrates tem provas dadas de estar à altura de afrontar e resolver as graves dificuldades que têm vindo a assolar Portugal, na maior crise dos últimos anos, bem como de saber liderar as estratégias para um futuro melhor para todas as gerações.

DEPOIMENTOS



NUNO SILVA
TÉCNICO DE METROLOGIA



Sabemos que vivemos um clima social agitado e, por isso, se torna imperioso constituir um Governo forte. Um Governo que coloque em cima da mesa os problemas e apresente soluções válidas. Eu voto no PS para tornar isto uma realidade.

RUI DUARTE
DIRIGENTE DO FÓRUM EUROPEU DE JUVENTUDE



Faço parte de uma geração global que interpreta o Portugal de 2011 como uma sociedade mais aberta e tolerante, capaz de combinar mais justiça social com a modernização das suas estruturas económicas. É pelo futuro colectivo da minha geração que voto PS!

ARTUR PATULEIA
ENGENHEIRO



O PS é na situação actual a única solução para que sejam tomadas as medidas económicas necessárias, assegurando-se o papel do Estado, enquanto garante da justiça social e da igualdade de oportunidades.

JOVENS DEBATEM O FUTURO EM BRAGA

Só com emprego e habitação se conquista a emancipação

A “Convenção de Políticas de Juventude, realizada em Braga, contou com a presença de milhares de jovens de todas as idades e quadrantes profissionais.

Os desafios no acesso ao emprego e à habitação, factores limitativos da emancipação cada vez mais tardia dos jovens, foram o tema escolhido para o primeiro painel de discussão que contou com Hugo Pires, vereador da Câmara Municipal de Braga, António Baptista, presidente do Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana, e João Proença, secretário-geral da UGT. O Ensino Superior teve igualmente um forte destaque promovendo-se uma troca de ideias séria e profícua em torno dos seus problemas mais estruturais e desafios para o futuro. Rafael Guimarães, dirigente associativo do ensino superior politécnico, Ivan Gonçalves, coordenador nacional da ONESES e Tiago Gonçalves, dirigente associativo da Universidade de Lisboa, deram um importante contributo para esta relevante discussão. A sessão de encerramento contou com a intervenção do coordenador da rede de estudantes MIT Portugal, João Pita e da Presidente da Ecosy (Jovens Socialistas Europeus), a finlandesa Kaisa Penny. A ciência e tecnologia, bem como a crise internacional e a clivagem na solidariedade existente no seio da União Europeia, foram os marcos essenciais destas intervenções, às quais se seguiu um discurso mobilizador de Pedro Delgado Alves, secretário-geral da Juventude Socialista, que apresentou os factos que estão em causa nas próximas eleições: a

crescente destruição do modelo social europeu e o importante papel que a JS e o PS têm na sua urgente defesa. O secretário-geral do PS, José Sócrates, felicitou os jovens presentes e iniciou a sua intervenção falando do Partido Socialista como o “partido do povo”, “o grande partido da esquerda democrática e da esquerda moderna do nosso país” e que “apela a todos para a construção de uma sociedade com mais igualdade e uma economia mais competitiva”.

A Lei da Paridade, a nova Lei da Nacionalidade que “deu a oportunidade aos imigrantes que não sabem outra língua que não o português, que nasceram aqui, a finalmente terem direito à cidadania portuguesa”, a mudança na Lei da Imigração “que deu a todos os imigrantes os mesmos direitos sociais que os trabalhadores portugueses têm” colocando-nos no 2º lugar no *rating* europeu de políticas de imigração, a campanha no referendo pela IVG, as alterações ao divórcio litigioso, o casamento para todos foram exemplos de importantes marcos citados que comprovam que “quando se fizer a história dos últimos seis anos, perceber-se-á que este partido foi fiel àquela que é a sua matriz ideológica e de pensamento: ser um partido consequente, um partido que quer mudar as coisas, um partido progressista”. Em seguida, José Sócrates enunciou os principais dados daquela que foi “a maior transformação desde o 25 de

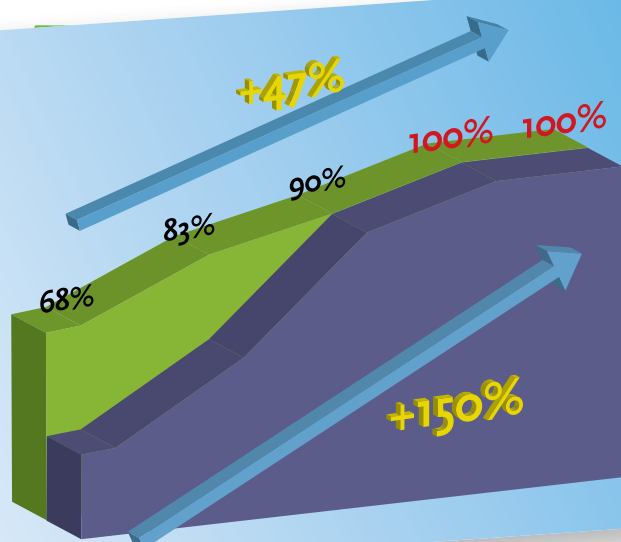
Abril” na educação, salientando que “é na educação em primeiro lugar que se ganha a batalha da igualdade de oportunidades”. 81% dos jovens entre os 15 e os 19 anos estudam agora em Portugal, o que corresponde à média deste indicador na OCDE. O ensino profissional sofreu uma forte evolução, existindo finalmente na maioria das escolas secundárias e abrangendo mais de 90 mil alunos. Os últimos resultados do estudo PISA mostram que “os alunos portugueses com 15 anos já se equiparam em termos de conhecimento com a média dos países mais desenvolvidos”, o que é um enorme “prazer para alguém que está no governo há seis anos” ao que se soma a redução em 11% no abandono escolar precoce, a reabilitação do parque escolar e os programas de estágios INOV.

Em resposta àqueles que criticam o “excesso” de investimento na educação, José Sócrates respondeu que “se pensam que a educação é cara, experimentem a ignorância”. Após citar variados exemplos dos ataques que o programa do PSD apresenta para a educação e para o acesso ao mercado de trabalho, entre eles o “contrato único” que transforma todos os contratos em contratos a prazo, apelou aos jovens para que se envolvam nesta campanha “porque o que está em jogo é a defesa deste país e desta sociedade”.



... nos últimos seis anos o número de escolas públicas com acesso à banda larga passou de 18% para 100%.

... os alunos inscritos em cursos profissionais passaram de 36.943 para 124.265 no decorrer dos últimos cinco anos.



... Portugal ocupa o 1.º lugar na qualidade dos serviços públicos para os cidadãos e as empresas proporcionados por via electrónica (eramos 16.º em 2006).

... o risco de pobreza em Portugal baixou de 23% para 17,9% e o Complemento Solidário para Idosos melhorou os rendimentos de 270 mil cidadãos.

